

Lenin e a revolução

JEAN SALEM

Expressão Popular, 2008, 112p.

*Caio N. de Toledo**

Jean Salem é autor de vários livros sobre pensadores materialistas (entre outros, Demócrito, Epicuro e Lucrecio); em *Lenin e a revolução*, pretendeu mostrar a atualidade da concepção de revolução formulada por Lenin – que, atualmente, segundo os *fast thinkers*, seria um autêntico “cão morto”. (Afinal, a história aqui também se repetiria como farsa pois, na “Alemanha culta do final dos anos de 1850”, Marx havia observado que Hegel também assim era designado.)

Três partes compõem este pequeno livro. Na primeira, “para conquistar a indulgência do leitor”, Salem esclarece como Vladimir Ilitch entrou em sua vida. De forma breve, o autor relata seu encontro, à época com nove anos de idade, com o pai, Henri Alleg – militante comunista que, em 1961, fugira da prisão após ter sido barbaramente torturado, em anos anteriores, por pára-quedistas franceses na Guerra da Argélia –, e suas primeiras experiências intelectuais, no Leste Europeu e na antiga URSS, ao lado de centenas de “filhos de gregos, de iranianos e de outros que tinham sido ... martirizados pelos defensores do ‘mundo livre’”. Segundo ele, foi a partir desse contexto de resistência política que o revolucionário russo introduziu-se em sua vida.

Na segunda parte, Salem busca refletir sobre uma “louca história que os vencedores de hoje balizaram muito estreitamente”: a “história estranha” que faz

* Pesquisador do CNPq.

que o nome de Lenin hoje pareça “maldito” a ponto de ser interdito – inclusive por uma certa esquerda que, segundo o autor, tudo deduz das representações da ideologia dominante. Aqui, de forma irretocável, Salem sintetiza três tipos de imposturas que contribuem para esclarecer as razões do silenciamento do pensamento de Lenin: o que se diz em geral da União Soviética (antes e durante a Segunda Guerra Mundial), sobre o “totalitarismo” (“conceito onde cabe tudo”) e, finalmente, sobre o fim da URSS.

Para alguns “especialistas” na chamada soviétologia, os setenta anos pós-Revolução de Outubro, do princípio ao fim, nada mais foram do que “um imenso *gulag*”; ou seja, a totalidade da experiência soviética se identificaria com o fenômeno da chamada *stalinização*. Contestando essa visão, Salem afirma – diante das evidências das “diferentes fases, das mudanças de direção, das profundas transformações que marcaram a história do socialismo real” –, que se imporá o reconhecimento da existência não de *um*, mas, antes, de *vários* regimes soviéticos, como o fazem as criteriosas análises do historiador Moshe Lewin.

O silenciamento de Lenin também teria que ver com uma bem-sucedida operação ideológico-midiática na qual pontificaram intelectuais e literatos (entre eles, H. Arendt, E. Nolte, A. Besançon, F. Furet, J. Ellenstein, A. Glucksmann, M. Voslensky, A. Soljenítsin e outros); essa operação consistiu em difundir a idéia de que o nazismo e o bolchevismo não seriam senão “duas variantes do mesmo modelo”. A prestigiada filósofa Hannah Arendt, ao cunhar o conceito-fetiche de “totalitarismo”, teria sido a grande responsável por essa vitoriosa formulação nos meios políticos e intelectuais do Ocidente.

Na mesma direção, artigos e livros “negros” se sucederam a fim de provar que, após a contagem dos mortos, o bolchevismo (= stalinismo) levou uma alta vantagem em relação ao nazismo! Assim, depois de concluída a “macabra aritmética” (ou “contabilidade do horror”), estariam enganados, até mesmo, aqueles que colocaram um sinal de igualdade entre stalinismo e nazismo. O autor dessa proeza ideológica foi E. Nolte para quem Auschwitz seria uma “cópia do Gulag”; mas, atenção: uma cópia *deformada*, pois “mais horrível do que a original”... De forma sintética, nazismo e fascismo teriam constituído a “resposta radical”, a “contrapartida” e a “imagem do stalinismo”. Comenta Salem que essa *doxa* também foi apropriada por setores de esquerda que se destacam pela criminalização da militância comunista.

Ao fim dessa parte, Salem questiona as teses da “queda”, do “colapso” ou da “desintegração” da antiga URSS. Lembrando as lições do historiador Albert Soboul, observa ele que – de modo semelhante ao que ocorreu com o Antigo Regime na França – a URSS, em 1991, “não caiu sozinha”. A destruição de Hiroshima e de Nagasaki (sob o governo H. Truman) e o programa de “Guerra das estrelas” (1983) – lançado por Ronald Reagan (que visava explicitamente “pôr de joelhos a potência soviética”) – passam inteiramente ao largo dessa fraseologia da “implosão” da antiga URSS. Na conclusão desse momento de sua argumentação,

Salem afirma que essa mitologia só serve para “coroar os vencedores” que, hoje, tornam maldita a obra de Lenin.

Na terceira parte do livro, comenta seis teses que, segundo ele, podem ser deduzidas das *Obras completas* de V. I. Lenin:

1) *a revolução é uma guerra; e a política é, de maneira geral, comparável à arte militar;*

2) *uma revolução política é também, e sobretudo, uma revolução social;*

3) *uma revolução é feita de uma série de batalhas; cabe ao partido de vanguarda fornecer em cada etapa uma palavra de ordem adaptada à situação objetiva ... e reconhecer o momento oportuno para a insurreição;*

4) *os grandes problemas da vida dos povos nunca são resolvidos senão pela força;*

5) *os revolucionários não devem renunciar à luta pelas reformas;*

6) *na era das massas, a política começa onde se encontram milhões de homens ... Convém, além disso, assinalar o deslocamento tendencial dos focos da revolução para os países dominados.*

Tendo em vista os limites desta resenha, façamos apenas breves comentários ao conjunto dessas teses. A observação mais geral é a de que Salem apenas na tese seis realiza explicitamente o que escreveu à p.40 do livro: “Eu gostaria de pôr à prova a atualidade dessas teses ... nessa época em que a ordem mundial parece ter regredido até o ponto de voltar ao tempo das conquistas da América, da Ásia, da África e da Oceania”. A rigor, a maioria das teses consiste na elucidação e na fundamentação do pensamento do bolchevique russo na discussão e na tematização da revolução social. Uma reflexão que esteve sempre ancorada nos “fatos cabeçudos” da realidade histórica e foi elaborada – segundo o que ele teoricamente postulava – sob a estrita obediência à “verdadeira substância” ou “alma viva do marxismo”: “uma análise concreta de uma situação concreta”.

Embora o autor não correlacione, sistematicamente, as teses com os problemas e as contradições do capitalismo contemporâneo, nem de longe estariam elas “superadas” ou “fora de lugar”. Conclusão oposta, bem se sabe, será a daqueles que se prostram diante do mercado (para eles, lugar privilegiado da liberdade, do pluralismo político, do progresso humano, da convivência civilizada e da democracia...); de forma semelhante, partidos e intelectuais da chamada “esquerda moderna” em todo o mundo também consideram “ultrapassados” alguns aspectos contidos nas teses acima – em particular, a questão do uso da violência ou da força.

Como devem se posicionar os socialistas a respeito dessa clássica questão? De imediato, não deixariam eles de indagar: pode-se desconhecer que transformações estruturais, em profundidade, implicam sempre e necessariamente uma confrontação de forças? Embora o uso da força não deva ser cultuado ou afirmado como inevitável na luta política e social, devem os socialistas ignorar que a política imperialista – sustentada por um aparato bélico crescente e avassalador – promove

freqüentes guerras de rapina e violências inomináveis (morte, prisão, tortura etc.) contra a população civil em várias partes do mundo? Em nome do pacifismo e do “diálogo democrático”, devem os socialistas, de forma passiva e silenciosa, aguardar que a ONU e os demais organismos da cúpula mundial condenem verbalmente os permanentes atos de violência das potências imperiais?

Por outro lado, deve-se desconhecer que a luta revolucionária anticapitalista nunca deixará de apresentar características semelhantes às de uma autêntica guerra? Deve-se também ignorar que, sem um efetivo confronto com os exploradores, uma vitória decisiva sobre o capitalismo é impossível? Sem ilusões pacifistas, os socialistas não negam a “guerra em geral”, pois, como observa Salem – comentando Lenin –, há “guerras que servem para consolidar a opressão de classe e guerras que servem para derrubá-la”. Os que desejam o socialismo não devem temer o momento da revolução, pois, como advertia Lenin, quem tem medo dos lobos “não se meta pelos bosques”...

Discutindo a sexta tese, o autor lembra uma afirmação do bolchevique, por ocasião do III Congresso da IC: “... *a política começa onde existem milhões; a política séria só começa onde existem não milhares, mas milhões* (de pessoas)”. Levando adiante a afirmação feita em 1921, pondera o autor que Lenin previu que as lutas sociais que opõem exploradores e explorados de uma mesma nação se transformarão também “em lutas de dimensões planetárias, lutas globalizadas que colocarão em movimento massas de homens cada vez mais numerosas e mais universalmente espalhadas pela face da Terra”. Para Salem, um expressivo sinal dessa realidade foi a manifestação que, em 2003, “reuniu no mesmo dia 15 milhões de terráqueos” (no Japão, na Europa, no Oriente próximo, na Austrália, nos próprios EUA) contra a guerra imperialista no Iraque.

Lenin e a revolução é um valioso livro que conclui de forma vagamente esperançosa: “estamos convencidos de que vivemos o fim de uma época, e o tempo parece quase ter parado. Sabemos que alguma coisa vai chegar. Mas não sabemos o que é”.

Lenin, em certo lugar, afirmou que as revoluções são “a festa dos oprimidos e dos explorados”; em posfácio a *O Estado e a revolução* confessou ele que é mais útil e agradável “fazer a ‘experiência da revolução’ do que escrever sobre ela”. Ainda hoje, socialistas escrevem livros, artigos e resenhas sobre a revolução enquanto milhões e milhões em todo o mundo aguardam o dia para realizar a grande festa de suas vidas.

TOLEDO, Caio N. de. Resenha de: SALEM, Jean. Lenin e a revolução. Expressão Popular, 2008, 112p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.171-174.

Palavras-chave: Lenin; Revolução; História; Socialismo.